

**Representações linguísticas de luso(fono)descendentes
e o papel do Português Língua de Herança (PLH)**

Rosa Maria Faneca
Centro de Investigação 'Didática e Tecnologia
na Formação de Formadores' (CIDTFF)
Universidade de Aveiro

Resumo

Vários estudos de investigação abordam as variedades do português falado nos diferentes continentes, quer na área da Linguística quer na das Ciências da Educação, embora se constate que a investigação pouco tem feito com o português das Comunidades, o chamado Português Língua de Herança (PLH), nomeadamente, no que toca a “variedades mistas” e a questões linguísticas relativas à própria diversidade intralinguística.

Escrever sobre aspetos da cultura e língua dos luso(fono)descendentes não é das tarefas mais fáceis uma vez que, tendo-se passado já três gerações desde o início da emigração para a Europa, são poucos os que ainda mantêm o “falar português” e, mesmo que o mantenham, há uma grande gama de dados culturais que se interpenetram e que mereceriam (re)interpretação. Contudo, e apesar do processo irreversível de miscigenação cultural em que entraram os luso(fono)descendentes, interessaram-nos alguns aspetos linguísticos de comunidades bilingues franco-portuguesas de França.

Nesta heterogeneidade, rica em matizes linguísticos, destacamos a cultura e a língua dos portugueses que levaram nas suas bagagens todas as suas esperanças e muitos séculos de experiência. Em princípio, por causa da língua, a 1ª geração isolou-se em núcleos fechados. No entanto, a necessidade de nomear coisas estranhas à sua vivência estrangeira - ambiente físico, métodos e instrumentos de trabalho, entre outros - e, por haver no seu léxico de origem uma lacuna para tais ocorrências, viram-se obrigados a recorrer a empréstimos franceses de natureza linguística e, também, a adotar hábitos, costumes,... Com isto, estabeleceram, ao longo de décadas, o contacto e a consequente interferência entre as duas línguas e culturas.

A reflexão sobre esse “falar híbrido” permite consciencializar-nos da existência desta realidade, auxiliando no processo de compreensão da natureza do PLH, da sua história e do seu meio ambiente.

Palavras-chave. Português Língua de Herança; Representações da Língua Portuguesa; Repertórios linguísticos; Diversidade intralinguística; Emigração

Résumé

Plusieurs travaux de recherche portent sur les variétés du portugais parlé dans les différents continents, aussi bien en linguistique qu'en sciences de l'éducation, toutefois nous constatons que la recherche a peu fait avec le portugais des communautés portugaises émigrées, appelé le portugais langue d'origine, en particulier en ce qui concerne «les variétés mixtes» et les questions linguistiques concernant la diversité intralinguistique.

Ecrire sur les aspects de la culture et de la langue des luso(phono)descendants n'est pas une tâche facile car, ayant déjà passé trois générations depuis le début de l'émigration vers l'Europe, rares sont ceux qui conservent encore le «parler portugais» et, même s'ils le maintiennent, il y a un large éventail de données culturelles qui sont étroitement liées et mériteraient une (ré)interprétation. Cependant, malgré le processus irréversible de la mixité culturelle dans lequel les luso(phono)descendants sont entrés, certains aspects linguistiques des communautés bilingues franco-portugaises nous intéressent plus particulièrement.

Dans cette hétérogénéité, riche en nuances linguistiques, nous mettons en évidence la culture et la langue que les Portugais ont emportées dans leurs bagages avec leurs espoirs et les siècles d'expérience. Au début, à cause de la langue, la première génération s'est isolée dans des noyaux fermés. Toutefois, la nécessité de nommer des choses étranges à leur nouvelle expérience à l'étranger - l'environnement physique, les méthodes et les outils, entre autres - et parce qu'il y avait des lacunes dans leur lexique d'origine pour nommer ces nouveautés, ils ont été contraints de recourir à des emprunts linguistiques français ainsi qu'à adopter des habitudes et des coutumes différentes. Au fil des décennies, ils ont établi le contact avec la société d'accueil et ils ont créé des interférences entre les deux langues et les deux cultures.

Une réflexion sur ce «discours hybride» nous permet de prendre conscience de l'existence de cette réalité, et ainsi aider à mieux comprendre le parcours du portugais langue d'origine, son histoire et son environnement.

Mots-clés. Portugais Langue d'Origine; Représentation de la Langue Portugaise; Répertoires linguistiques; Diversité intralinguistique; Émigration

Introdução

As línguas comportam em si toda uma carga cultural milenar que espalha a verdadeira essência de um povo e todo o seu legado. Elas transpõem fronteiras, criando laços de cooperação, entendimento e/ou incompreensões, originando comunidades onde reinam as diferenças resultantes de um passado individual. Verifica-se que a língua é definida e regulada pelos traços culturais de uma dada comunidade, ela integra um valor cultural ou social através do qual um indivíduo, um grupo ou um povo exprimem a sua identidade (Andrade).

A comunidade portuguesa em França não escapou a este princípio. A identidade portuguesa em França passa por uma variedade linguística acentuada pela frequência de relações humanas, políticas, económicas e comerciais e os luso(fono)descendentes, sendo sujeitos plurilingues, são os portadores dessa identidade linguística.

Os estudos existentes sobre a Língua Portuguesa (LP) *extramuros* não focam a natureza das representações sobre ela e é nesta perspetiva teórica e conceptual que desenvolvemos um projeto em quatro associações de emigrantes da região parisiense - “Os Mensageiros de Portugal”; “Instituto Lusófono”, “Communauté Portugaise de Formation Culturelle” e a “Associação Bocage” - acerca do papel atribuído ao domínio da LP no processo de proteção e estímulo da LP em França e a forma como educam futuros cidadãos franceses de origem portuguesa no sentido de alcançarem uma competência bi-plurilingue e intercultural que lhes proporcione uma capacidade indispensável para a comunicação e a compreensão.

Neste texto, centrar-nos-emos nas representações linguísticas da LP e na *performance* linguística dos jovens luso(fono)descendentes, residentes em França. Iremos referir alguns aspetos linguísticos praticados por esses jovens e a conseqüente interferência entre as duas línguas e culturas.

1. Enquadramento teórico

1.1 Emigração portuguesa em França

Omnipresente ao longo da nossa história, continuando a perdurar na atualidade, a emigração portuguesa enquadra-se, com as suas especificidades, no contexto das migrações internacionais (Arroteia, *Atlas da Emigração Portuguesa*, 1985; *Migrações Portuguesas*, 2007).

Desde que Portugal se constituiu como um Estado independente, no século XII, milhares de portugueses emigraram para França por diversos motivos (Serrão; Arroteia). Em finais do século XIX, como refere Joel Serrão (1977), as estatísticas francesas registam um aumento crescente do número de imigrantes portugueses. Contudo, a “grande” emigração portuguesa para França é relativamente recente, datando do final dos anos 50 do século XX e ainda hoje é o país da Europa com uma das maiores concentrações de migrantes portugueses.

Esta emigração tem uma natureza muito distinta da anterior, sendo marcada por uma profunda descrença nas capacidades de desenvolvimento do país, sob o jugo de uma ditadura instaurada em 1926. Entre o final dos anos 50 e o princípio dos anos 70 do século XX, mais de um milhão de portugueses emigrou para França. Centenas de milhares fizeram-no clandestinamente. Em 1968, havia cerca de 500.000 portugueses naquele país (Conim and Carrilho; Volovitch-Tavarès). Nos anos 80, o número diminuiu, mas, ainda assim, em 1982, os portugueses representam 21% da totalidade dos imigrantes de França. Entre 1981 e 1985, período de grande expansão da emigração portuguesa, França foi o país mais procurado, absorvendo 50,9% do total da emigração legal. Em 2007, os portugueses residentes em França representam 13,7% da totalidade dos imigrantes, ou seja, 491.000 sujeitos. Atualmente, em França, vive cerca de um milhão de portugueses, entre mononacionais e binacionais (INSEE).

1.2 Representações da LP: um objeto de estudo na região Île-de-France, França.

Houve em França, desde os anos 70, vontade de integrar a LP no sistema educativo francês, nomeadamente no ensino básico e secundário. O principal objetivo desta medida de política linguística educativa, integrante de uma política linguística cujo eixo principal era a promoção do plurilinguismo, era a aquisição da língua de origem por parte dos luso(-fona)descendentes.

Após terem decorrido mais de 40 anos, importa conhecer as representações que os luso(fona)descendentes têm acerca da LP e que circulam na comunidade portuguesa e na sociedade de acolhimento. No âmbito da Psicologia Social, a representação resulta da experiência de cada pessoa e essencialmente dos valores e dos saberes legados pela tradição, inculcados pela educação familiar e escolar e difundidos pela comunicação social. Esta definição sublinha também o facto de que a representação orienta o comportamento das pessoas e, além disso, reforça o sentimento de pertença a um grupo social particular e permite a distinção entre grupos sociais.

A representação é uma noção “envisagée dans des ancrages théoriques divers, sur la base de démarches méthodologiques différentes également, mais qui tendent vers le même objectif: mieux comprendre les modalités de savoir du sens commun” (Matthey 317). Foi considerada por Doise e Palmonari (1986) como um conceito-chave e conhece uma grande expansão e as suas ramificações surgem exatamente desta área disciplinar pelo facto de que esta se apresenta “comme la science la plus à même d’assurer une synthèse des connaissances sur la question” (Mannoni 8).

Jodelet (36), por sua vez, define representações sociais como uma modalidade do conhecimento socialmente elaborado e partilhado, tendo um objetivo prático e contribuindo para a construção de uma realidade comum de um conjunto social.

O conjunto de ideias ou de conceções que os luso(fono)descendentes podem ter perante certas realidades dos seus respetivos universos culturais, representações etnocêntricas, podem ser prejudiciais para a aprendizagem da LP, que ainda é percecionada como sendo uma língua do *dominado* (Gerbeau). Nos anos 70, o contacto das duas línguas (francês e português) conheceu uma vivência em termos de conflito que pode afetar a escolha da aprendizagem da LP (Calvet; Boyer). Corroboramos estas ideias com Castellotti quando afirma que “Les images, le plus souvent fortement stéréotypées recèlent un pouvoir valorisant ou, a contrario, inhibant vis-à-vis de l'apprentissage lui-même” (24). De notar que os Portugueses sofriam de uma desclassificação a nível simbólico. Apesar dessas representações, os encarregados de educação desejaram para os filhos a aprendizagem da LP, por diferentes razões demonstradas em Faneca:

- desenvolvimento da identidade cultural e nacional (simbólica e política);
- interculturalidade (preservação da cultura e identidade da comunidade portuguesa num contexto de diversidades culturais);
- a formação linguística (aprendizagem e/ou manutenção da Língua e Cultura de Origem).

Os luso(fono)descendentes foram sociabilizados em meios urbanos, alimentados com valores, de história e de cultura francesas. Para eles, o grupo de pertença constitui um grupo de referência, mas não é o único, existem outros. Ainda que não se encontrando no universo referencial dos pais, são portadores de uma herança e de experiência próprias que fazem deles filhos de portugueses. Daí a criação de novas formas de expressão que traduzem a vontade de se afirmarem com a sua especificidade portuguesa, simultaneamente reavivando a tradição e modificando-a.

A LP carrega em si uma cultura, uma história de que é reflexo. Na comunidade linguística portuguesa, as chaves para a aquisição da LP processam-se através de três fatores básicos (Faneca 1) a motivação que é constituída pelas razões, desejos ou interesses que movem a aprendizagem da LP; ii) a perceção que é a capacidade e o processo de captar o seu funcionamento; iii) e o uso que vem a ser a operação efetiva de usar a

língua em qualquer das funções que a comunidade possui num momento histórico/social concreto. A produtividade destes conceitos e mecanismos não pode ficar só na dimensão individual, mas ainda trasladável ao plano coletivo, permitindo-nos descrever com precisão uma comunidade quanto à composição sociológica a respeito do grau de aquisição linguística da LP.

Assim, nas últimas décadas, poderíamos esquematizar o falante português típico vivendo no espaço francês como sendo: monolíngue em português no início da emigração (anos 60/70) e depois bilingue nas segundas e terceiras gerações e cada vez mais plurilingue. É esta a caracterização de grande parte da comunidade portuguesa radicada em França que, ao longo de um processo histórico ou diacrónico, se dota dos espaços e instrumentos societários precisos para garantir a sua subsistência, através de instituições, meios e espaços comunicativos (Associações portuguesas) e repertórios (conflito normativo).

1.3 Português Língua de Herança: estatuto da língua portuguesa em mudança

Na literatura da especialidade existem poucos estudos que se debrucem sobre a aprendizagem da LP por adolescentes e jovens com *background* migratório e sobre o papel da chamada “língua de herança” (“*langue d’origine*”, “*heritage language*” e “*home language*” na literatura francesa e inglesa) nesse desenvolvimento (Blommaert; Carreira; Cummins; Faneca; Fishman; Garcia; Little; Melo-Pfeifer and Schmidt).

Recorremos ao conceito de PLH por ser o que designa a língua minoritária associada à presença da comunidade portuguesa com *background* migratório numa “comunidade de acolhimento” maioritária, cuja aquisição começa, geralmente, em ambiente familiar e que faz parte do repertório plurilingue dos sujeitos, combinando-se com a língua do país de acolhimento para uma discussão das questões sociolinguísticas, sócio-afetivas, escolares e pragmáticas que se colocam a esta noção, complexificando-a (Melo-Pfeifer and Schmidt). As línguas adquiridas/

aprendidas pelos sujeitos da nossa amostra ganham maior ou menor peso consoante o maior ou menor número de funções que lhes são atribuídas. Importa, pois, estabelecer uma distinção entre os conceitos que podem ser associados ao PLH.

Nestes contextos, os luso(fono)descendentes, que são possuidores de mais do que uma língua, relacionam-se com a LP de formas distintas, consoante o estatuto que esta ocupa em relação aos mesmos, nomeadamente português língua materna (PLM) ou português língua segunda (PLS). Questões de ordem sociolinguística, socioafetiva, escolar e pragmática colocam-se a cada conceito em torno da língua. Na realidade, conceitos como LM, LS e LH são reconhecidos e frequentemente utilizados pela Didática das Línguas para caracterizarem a relação que cada sujeito mantém com a(s) língua(s) que conhece. Porém, se, por um lado, a complexidade e a subjetividade presentes nestas relações dificultam a clarificação destas designações, por outro lado, os critérios considerados para a sua definição nem sempre são consensuais e, muitas vezes, são vistos como ambíguos ou com limites pouco claros. Nos contextos referidos, os luso(fono)descendentes, que são possuidores de mais do que uma língua relacionam-se com a LP de formas distintas, consoante o estatuto que esta ocupa em relação aos mesmos.

Neste sentido, a designação LM, associada ao conceito de “mãe”, deixa entender que materna será a primeira língua, aprendida em meio familiar. Saliente-se que, ao apontar-se a LM “como aquela em que se pensa ou aquela que se domina melhor, aquela em que o sujeito falante se sente mais confortável, mais seguro e ainda aquela que traduz a comunidade de que o sujeito faz parte” (Andrade 54), se está a colocar o enfoque na competência de uso de uma língua que poderá ser diferente daquela que se aprendeu com a mãe ou com a família. Com efeito, a língua em que se pensa ou que se domina melhor vai sofrendo alterações ao longo da vida, o que implica que se questione a ordem de aprendizagem das línguas quando se pretende identificar a LM de um luso(fono)descendente. O que parece ser fundamental na tentativa de definição de LM é o facto de ser a língua “dans laquelle s’est organisée la fonction langagière elle-

même, en tant que fonction symbolique primordiale, et celle qui a accompagné la construction de la personnalité” (Dabène 15). Este último traço é particularmente significativo quando trabalhamos com jovens oriundos de meios migratórios, na medida em que, na maior parte das vezes, são dois os sistemas linguísticos que entram na construção da sua personalidade. Neste caso, encontramos-nos perante um falar peculiar/híbrido, feito de mais do que uma língua, desde tenra idade, e de um conjunto de possibilidades expressivas do sujeito.

Podemos, então, afirmar que a LM abrange uma constelação de noções (Dabène) decorrentes do falar (conjunto de potencialidades linguístico-comunicativas do indivíduo), da língua reivindicada (conjunto das representações e atitudes de um sujeito ou grupo face à língua enquanto elemento constitutivo da identidade) e da língua descrita (conjunto de instrumentos heurísticos de que o aprendiz dispõe).

1.4 Surgimento de uma língua mista

A investigação não tem abordado a “complexité des répertoires et des pratiques (linguistiques ou culturelles) des locuteurs plurilingues (...) en contextes variés” (Moore 33). A língua destes luso(fono)descendentes apresenta-se como uma língua mista e aparece, na maioria dos casos, como um continuum entre a LM e a LS. O conceito de LS que surge para descrever situações educativas que, não se adequando à Língua Estrangeira nem à LM, têm, no entanto, alguns pontos em comum com ambos. Concordamos com Gadet e Varro quando afirmam que:

Les bilingues s'avèrent aussi pratiquer ce qui a longtemps été tenu pour la “part noire” du bilinguisme: les parlers mixtes. Tous ces termes désignant ce phénomène pourtant très courant, ont des connotations dépréciatives (mélanges, métissage, hybridation, contamination) et ont le défaut de traiter les deux langues comme des entités stabilisées. (12)

Abordamos o fenómeno de língua mista na perspetiva das misturas, marcas transcódicas, interferências e alternância de língua. Estes fenómenos foram estudados tanto do ponto de vista da psicolinguística (foco no luso(fono)descendente), e numa perspetiva sociolinguística, histórica e política (foco na comunidade linguística portuguesa em França).

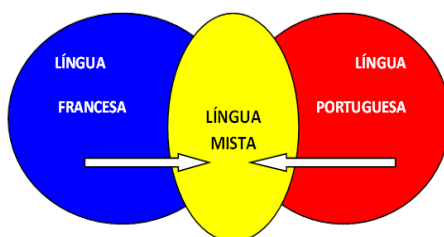


Figura 1. Conceito língua mista

A língua mista dos luso(fono)descendentes caracteriza-se (fig.1) por interferências, quer dizer formas que saltaram do sistema linguístico francês para o português, por vezes sem sofrerem alterações marcadas (falar-se-á então de alternâncias de código, eventualmente de empréstimos), por vezes modificadas de maneira mais ou menos profunda (falar-se-á então de decalques, de interferências ou de variantes de contacto) na senda de (Py 13).

A língua mista é a interlíngua (Selinker; Carreira; Deprez) formada pela justaposição e pela sobreposição de variantes não *standard* dos dois idiomas em contacto (Dabène 71).

A mudança linguística decorrente do contacto entre as duas línguas pode ser considerada do ponto de vista da interferência da LF na LP, como também é possível olhar para este processo considerando a forma como os aprendentes (falantes em processo de aprendizagem da LP) vão adquirindo a LP. Em situações sociolinguísticas complexas de contacto das duas línguas, os luso(fono)descendentes usam várias estratégias de comunicação e surgem fenómenos como, por exemplo, a alternância de

código (*code switching*) na senda de (Gumperz) e mistura de código (*code mixing*) que muito contribuem para a fixação de certas variações e a ocorrência de transformações.

Esta mistura códica é a forma de expressão mista que pressupõe do luso(fono)descendente um conhecimento mais imperfeito das duas línguas, ou de uma delas, as quais se mostram de uma grande permeabilidade à integração do elemento estranho como se ele fosse normal. Este elemento estrangeiro é, quase sempre, oriundo da língua de expressão habitual do falante (LF) e deformado por influência da outra língua que contacta com ela (LP). Os aspetos desviantes devem-se sobretudo à utilização de traços gramaticais importados do francês ao nível das estruturas de: i) sintaxe (estruturas agramaticais relativamente à norma do sistema linguístico português), ii) morfologia (ruptura entre a língua ouvida-falada e o registo escrito), iii) semântica (domínio do léxico), iv) fonético-fonológico (interferências). Todos os utilizadores da mistura códica adotam este comportamento maquinalmente, e nem se apercebem que fazem incursões na outra língua senão quando são alertados nesse sentido. Os efeitos de uma coabitação prolongada da língua de partida com a língua de chegada são a tal ponto evidentes que a compreensão desta interlíngua, ou seja, a sua lisibilidade semântica, (Carreira, “Langue maternelle et langue de pays d’accueil: une étude conduite auprès d’adolescents portugais scolarisés en France”, 14) exige um conhecimento não somente dos dois idiomas presentes mas também deste contexto sociocultural.

2. O estudo empírico

2.1. Configuração metodológica

No presente texto abordaremos dados do projeto de doutoramento “Aprendizagem e representações da LP por lusodescendentes”¹, um estudo de caso em quatro associações e com 71 luso(fono)descendentes e 10 professores. Neste estudo usada uma metodologia mista que inclui uma metodologia de cariz qualitativo (Bogdan and Biklen) e a recolha e

análise de dados quantitativos. Esta opção metodológica implicou não só uma explicitação dos pressupostos e da teoria subjacentes aos procedimentos metodológicos, como também uma descrição do processo de recolha de dados e da forma como foram obtidos os resultados. Os dados recolhidos são compostos por respostas a questionários com perguntas abertas e fechadas e transcrições de entrevistas semiestruturadas a 71 alunos. Foi realizado um tratamento qualitativo das questões abertas através da análise de conteúdo (Bardin) e um tratamento estatístico das questões fechadas, recorrendo ao SPSS.

Ao nível da análise, foram construídas as seguintes categorias de análise que foram aplicadas ao questionário e às entrevistas aos alunos: i) Dados pessoais do sujeito aprendiz; ii) Dados familiares; iii) Dados sobre a origem; iv) Dados sobre a(s) língua(s); v) Língua Portuguesa e a sua aprendizagem; vi) A consciência sobre a língua, vii) Dados sobre a cultura e viii) Dados sobre a Associação.

Optámos pelas associações abaixo identificadas por testemunharem, como pudemos verificar nos programas de cada associação, uma vontade de reapropriação da história e da cultura portuguesas, a conservação da língua e a valorização da expressão bilingue.

<i>Designação da Associação</i>	A	B	C	D
Nome	“Os Mensageiros de Portugal”	“Instituto Lusófono”	“Communauté Portugaise de Formation Culturelle»	“Associação de Bocage”
Localização	Lagny-sur-Marne, Seine et Marne	Pontault Combault, Seine et Marne	Le Raincy, Seine Saint Denis	Paris 16 ^e
Anos de escolaridade abarcados	Do 5.º ao 12.º	Do 5.º ao 12.º Currículos especiais	Do 5.º ao 12.º Currículos especiais	Do 5.º ao 12.º Currículos especiais
Número de professores	1 professor	1 professor	5 professores	3 professores
Número de alunos	71			

Quadro 1 - Caracterização das associações

2.2 - Público

A passagem do estatuto de emigrante àquele que se instala num outro país (em fase de adaptação a um ambiente geográfico, social e cultural novo) marca profundamente a história das famílias dos luso(fono)descendentes. Essa memória coletiva condicionou e influenciou o percurso das suas vidas. O estudo foi realizado com 71 luso(fono)descendentes de 3ª geração, nascidos e socializados em França, com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos, como se pode verificar no quadro abaixo.

Sujeitos	71 (43,7% rapazes, 56,3% raparigas)
Idades	Entre os 10 e os 18 anos
País de nascimento	79,7% em França - 20,3% em Portugal
Nacionalidade	Portuguesa: 47,1% Francesa: 11,4% Portuguesa e Francesa: 40% Outra: 1,4%
Identidade	Portuguesa: 45,7% Francesa: 4,3% Portuguesa e Francesa: 48,6% Outra: 1,4%
Performance linguística/comunicativa	96% compreende e fala as duas línguas
Lugar de nascimento dos pais	Mãe: Portugal: 94,4% - França: 5,6% Pai: Portugal: 95,8% - França: 4,2%

Quadro 2 - Perfil dos luso(fono)descendentes

O termo “luso(fono)descendente” procura transmitir identidades novas e diferentes das primeiras gerações. É, por conseguinte, um termo simbólico, de esperança, de modernismo e reenvia, no nosso entender, a uma afirmação de identidade. Dos nossos inquiridos, 94% considera-se luso(fono)descendente. Do total dos inquiridos: 21,1% diz que é luso(fono)descendente porque os pais são portugueses; 7% porque tem a nacionalidade portuguesa; 7% porque é de cultura portuguesa; 5,6% porque a sua identidade é portuguesa; 2,8% porque nasceu em Portugal e vive em

França; 1,4% porque gosta e fala português e 1,4%, ainda, porque toda a família é portuguesa.

Referimo-nos, aqui, ao processo de fabricação da identidade de origem, baseado nos laços de sangue. Distinguimos, na verdade, a representação simbólica do reconhecimento de uma identidade portuguesa de origem.

2.3. As representações da língua e da cultura portuguesas em França

A análise das respostas aos questionários e das entrevistas permitiu identificar as representações dos sujeitos face à língua e cultura portuguesas e a forma como são percebidas em França.

Encontramos, no discurso dos sujeitos, representações relativas aos diferentes fatores que podem influenciar a aprendizagem da LP em França. Um desses fatores relaciona-se com o estatuto da LP em França, nomeadamente no meio escolar francês, e a pouca utilidade desta. De seguida, surgem representações de ordem afetiva.

A primeira constatação que a análise dos dados nos estimula a fazer é a de que a LP se move num polo sócio afetivo. Na verdade, se o francês é a língua capital e, por isso utilitária, os motivos apontados para a escolha do Português revelam uma tendência predominantemente sócio afetiva.

Para este texto utilizámos alguns elementos sobre as representações da língua e cultura portuguesas e sobre a *performance* linguística dos jovens. Seleccionámos alguns dados, retirados dos questionários, como se pode ver no quadro seguinte:

Sentes-te português ou francês	Português: 34% - Francês: 7% Os dois: 59%
Sentes-te bem em	Portugal: 22% - França: 8% Nos dois: 70%
Sentes bem com a dupla cultura	Sim: 93% Não: 7%
Sentes-te marginalizado por teres duas culturas	Sim: 94% Não: 6%
Consideras-te um jovem de origem estrangeira	Sim: 36,2% Não: 24,6% Sem opinião: 39,1%
Tens uma dupla origem	Sim: 61% Não: 39%
Procuras conhecer Portugal e a sua cultura	Sim: 48% Não: 52%

Quadro 3: Elementos socioculturais

Como podemos observar pelo quadro, 93% dos luso(fono)descendentes ‘sente-se bem com a dupla cultura’; 94% não se ‘sente marginalizado por ter duas culturas’ e 48% ‘procura conhecer Portugal e a sua cultura.’ Estas percentagens interessam porque vêm contradizer alguns estereótipos que apontam para o sofrimento da dualidade cultural, o desinteresse cultural, a marginalização, entre outros. De um modo geral e de acordo com os resultados das análises dos questionários, os lusodescendentes revelam um desconhecimento da lei da nacionalidade, visto que 47,1% dos que nasceram em França afirmam ter nacionalidade portuguesa; 11,4% afirmam ter nacionalidade francesa, 40% afirmam ter nacionalidade portuguesa/francesa e 1,4% afirmam ter outra nacionalidade. Estes últimos desconhecem a lei da nacionalidade porque a lei francesa os obriga a optar aos 18 anos. Quanto à origem, 61% diz ‘ter uma dupla origem’ e 74% não se ‘considera jovem de origem estrangeira’, o que revela que estes sujeitos vivem perfeitamente o pluralismo cultural. Relativamente aos elementos socioculturais, 33% sente-se português e 59% português/francês. Os lusodescendentes consideram-se cidadãos da

Europa na medida em que 70% dos inquiridos afirma ‘sentir-se bem nos dois países’.

Os que se identificam como portugueses e franceses não valorizam tanto a origem. A origem ou a nacionalidade são percebidas como fazendo parte integrante da pessoa, não se constituindo nem como uma vantagem nem como um inconveniente, como podemos constatar nos seguintes excertos das entrevistas:

“Sou francesa de origem portuguesa// [...] As minhas amigas gostam e não pensam que é negativo ser português// (EA3: 60-62)².

“[...] é uma vantagem/ não tenho vergonha nenhuma de ser portuguesa/ até as minhas amigas são também portuguesas/portanto não/e até às vezes no colégio falamos português juntas e gostamos/ e até gostamos mais de Portugal do que da França// [...] (EA3: 58).

“Não vejo problemas a ser portuguesa. Nunca me senti discriminada por ser portuguesa. Somos franceses também e temos uma língua a mais que os nossos amigos”. (EA19: 38).

Os dados recolhidos revelam que os 71 lusodescendentes utilizam, com maior ou menor correção, os dois sistemas linguísticos e culturais. A sua condição de bilinguismo criou um campo sociocultural diferente, mais aberto à comunicação. O jogo com os dois códigos permite-lhes defender posições, valores diferentes, mas também lhes possibilita aceitar novos modelos, isto porque revelam ter uma flexibilidade cognitiva. Estes sujeitos bilingues estão divididos entre duas culturas, dois códigos linguísticos, duas orientações diferentes às quais parecem aderir, embora haja sempre uma dominante. Cada língua transmite representações pessoais diferentes. Constatámos neles uma capacidade interessante de discernimento perante a sua própria cultura e língua. Revelam ter uma faculdade de adaptação sociocultural e linguística em função dos dois contextos.

Compreendes e falas as 2 línguas	Sim: 96% Não: 4 %
O português é a tua língua	Língua Materna: 53,6% Língua Segunda: 26,1% Língua Mista: 15,9 Língua Estrangeira: 1,4% Outra: 2,9%

Quadro 4 - Estatuto da LP

O predomínio do francês no quadro familiar não impede o conhecimento, mesmo aproximado, da LP. Todos os luso(fono)descendentes de 3ª geração, de pais nascidos em França ou Portugal, que mantêm uma aprendizagem da LP, falam e escrevem a língua dos avós. Para esta geração, a LP já não possui o estatuto de língua do quotidiano. O estatuto da língua é complexo e as fronteiras entre as duas línguas são ambíguas, como podemos verificar no seguinte gráfico:

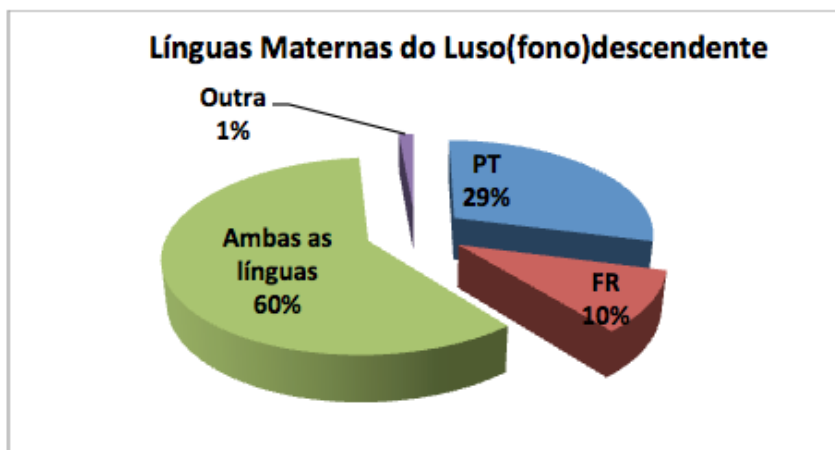


Gráfico 1 – Línguas Maternas do Luso(fono)descendente

Uma vez que perdeu o seu estatuto de língua do quotidiano, a língua dos avós vem a ser uma referência afetiva longínqua, mas menos longínqua do que para aqueles que nunca contactaram com ela. Assim sendo, quisemos conhecer os seus hábitos linguísticos, em que língua pensam, qual a que dominam e em qual se sentem mais confortáveis.

Que línguas falas quando estás em Portugal?	Português: 50% - Francês: 4% As duas: 46%			
Que línguas falas em França com?		Português	Francês	As duas
	Irmãos/irmãs	6%	58%	36%
	Mãe	13%	29%	58%
	Pai	25%	15%	60%
	Amigos portugueses	17%	45%	38%
Em que língua te exprimes com mais facilidade?	Português: 8% - Francês: 83% As duas: 9%			
Tens vergonha de falar português?	Sim: 6% Não: 94%			
Quando falas misturas as duas línguas?	Sim: 41% Não: 59%			
Quando falas português misturas com o francês?	Sim: 63% Não: 37%			

Quadro 5 - Hábitos linguísticos

No quotidiano a língua tem pouca utilidade para eles: 6% ‘fala português com os irmãos’; 13% ‘com a mãe’; 26% ‘com o pai’ e 17% ‘com amigos portugueses’, como podemos observar. Essa situação provoca, por vezes, um sentimento de insegurança. 41% dos luso(fono)descendentes possui um repertório *langagier* próprio e heterogéneo onde ‘mistura as duas línguas’, com alternância de códigos e interferências, em função dos locutores com quem partilham o ato comunicativo, como se pode verificar no Quadro 5. Utilizam uma variedade de português que consiste numa mistura de pronúncia francesa com acento próprio das práticas familiares, condicionadas pelas características geográficas, socioculturais do país de origem dos avós.

No contexto de duas línguas, no seio da família, não podemos deixar de abordar a noção de LM que se pressupõe ter sido a primeira a ser aprendida no seio familiar. Na situação dos luso(fono)descendentes, definir LM é muito complexo. As fronteiras entre as duas línguas são difi-

ceis de delimitar. Temos noções-chave que se cruzam, tais como identidade, pertença, representações sociais e estatuto de língua. A língua que aprenderam com os pais e os avós sofreu em favor da língua da Escola que é o francês. Por conseguinte, como constatamos no quadro 4, 53,6% consideram que a ‘LP é a LM’, contra 26,1% que a consideram ‘língua segunda’. É de extrema importância tentar definir a LM destes luso-descendentes, que depende muito da prática no seio familiar, do seu uso e da sua flexibilidade. Concordamos com Dabène que nos diz que a LM pode ser aquela na qual se organizou a função *langagière*, como função simbólica e a que acompanhou a construção da personalidade, o que neste caso se poderá referir aos dois sistemas linguísticos. A LM, ainda segundo Dabène, é “uma constelação de noções”, derivadas do falar; um conjunto de potencialidades linguístico-comunicativas do indivíduo, as da língua reivindicada, conjunto de representações e atitudes do luso(fono)descendente perante a língua como elementos constitutivos de identidade, como podemos constatar pelos seguintes excertos de entrevistas:

“Sou francófona/ a língua que domino mais é a francesa/depois vem a portuguesa/á a minha língua segunda [...]” (EA.3: 2).

“Eu falo francotuguês/ consigo perceber tudo mas misturo as duas línguas [...]”. (EA13: 2 -6).

“Penso que ir de férias a Portugal é bom/ gosto de falar mas é mais difícil para mim / tenho muitas dificuldades/ tenho de fazer muitos esforços/ tenho de encontrar /na minha cabeça as palavras/o francês é fácil/ por isso falo mais em francês// [...]” (EA.3: 28).

De facto, eles fazem um *bricolage* identitário, isto é, as suas representações estão enraizadas em processos cognitivos, discursivos, sócio históricos, próprios de cada indivíduo e de cada comunidade, fazendo parte do seu processo de construção da realidade. Os fatores responsáveis por esse processo são os mecanismos identitários (Muller), os aspetos socioeconómicos e políticos (Martel) e o valor das línguas no território francês (Papaloizos).

2.5. Complexidade dos repertórios linguísticos: criação de uma língua mista

Nesta sessão analisaremos os repertórios linguísticos dos luso(-fona)descendentes com o objetivo de verificar a *performance* linguística dos mesmos.

As estratégias utilizadas pelos luso(fono)descendentes (transferências, empréstimos, interferências e alternância códica) são ferramentas comunicativas que caracterizam os comportamentos linguísticos desta comunidade. Assim, as produções escritas e as entrevistas permitiram identificar alguns comportamentos linguísticos e analisar as áreas mais problemáticas a nível escrito e oral. Passamos a enumerar os erros mais frequentes e concluímos com a apresentação de produções escritas com o intuito de verificar a coesão e coerência textual.

As áreas mais problemáticas identificadas a nível escrito são a acentuação, o léxico, a construção sintática e a concordância de formas verbais.

Erros	Acentuação	
	Questões abertas do questionário	
“A minha familia [...]”	Q10:69	
“[...] ferias “	Q17:71	
“Alem [...]”	Q21:69	
“[...] esta mal organizado”	Q23:70	
“Musica portuguesa”	Q 27:71	
“Varias outras coisas”	Q28:69	
“[...] simpaticas”	Q33:69	
“[...] e um pais muito [...]”	Q37:72	
“[...] ir a praia”	Q 48:69	
“[...] tem la os nossos amigos”	Q50:72	
“[...] o convivio [...]”	Q55:71	
“[...] a situação economica esta um poco difficil	Q55:72	
[...] nivel la [...]”		

Como podemos observar, os luso(fono)descendentes demonstram mais dificuldades ao nível da acentuação. Efetivamente, é na categoria “Erros de acentuação” que contabilizamos um maior número de ocorrên-

cias, essencialmente no que concerne aos diversos acentos gráficos que os sujeitos conhecem mas que não sabem aplicar por falta de conhecimento de regras de acentuação.

<i>Alteração da Forma Ortográfica da palavra</i>	
Erros	Questões abertas do questionário
“cuzinha”	
“as casas antiguas [...]”	Q2: 69
“As chuvas porque a raramente mas quando a muito”	Q3: 69 Q8:70
“Queria que avia mais escolas e mais professores[...]”	Q9:73 Q29:69
“Eu gosto de toudo [...]”	Q29:72
“[...] a are puro e [...]”	Q55:72
“a situação economica esta um poco difficil ”	

Observamos um número considerável de erros de ortografia na categoria “Alteração da Forma Ortográfica da palavra”.

<i>Inobservância de Regras Ortográficas de Base Fonológica</i>	
Erros	Questões abertas do questionário
“Eu gosto que faze sempre calor [...]”	
“[...] tegn o toda a migna familia em Portugal [...]”	Q9:69 Q11:72
“[...] não porquê eu teu amigas aqui e não quer as deschar [...]”	Q12:72 Q25:71
“fas muito velha”	Q 26:69
“A minha familia”	Q 50:70
“[...] e os bixos”	

Observamos incorreções ao nível de “Regras Ortográficas de Base Fonológica”.

<i>Supressão de letras</i>	
Erros	Questões abertas do questionário
“Polução [...]”	Q5:70
“A mina prima [...]”	Q13:70
“[...] esto em França”	Q13:72

Constatámos que os erros apresentados se relacionam com problemas de pronúncia e interferência fonológica.

<i>Transcrição de formas de Oralidade Corrente</i>	
Erros	Questões abertas do questionário
“ E gosto quando o tempo sta calor [...]”	Q11:69
“Gosto de andar o ar libré ”	Q 27:72
“ [...] futbol !”	Q46:69

A categoria acima refere-se, deste modo, a “**incoreções correspondentes à transcrição de formas ligadas a variedades e registos que diferem da forma representada na norma ortográfica(...)**” (Barbeiro and Pereira). Zorzi afirma que: “O padrão acústico-articulatório não coincide com o padrão visual ou ortográfico, ou seja, nem sempre se escreve da maneira como se fala” (36).

<i>Concordância de número</i>	
Erros	Questões abertas do questionário
“A terra secas [...] “Na festas dos Santos [...]”	Q2: 70 – 71
“A festas muito bonita ”	Q26:71
“ [...] sou portugueses ”	Q31:72

Os exemplos apresentados mostram vários erros ao nível da “Concordância de número”.

No que diz respeito à produção oral, verificámos, ao longo das entrevistas realizadas, que as áreas mais problemáticas dizem respeito às dificuldades relativas à construção frásica e à falta de vocabulário. Neste caso, os inquiridos referiam-se efetivamente a uma questão morfossintática: a dificuldade em estruturar corretamente as frases devido ao fraco domínio das regras gramaticais, à falta de vocabulário e às interferências das duas línguas. Por outro lado, constatámos que os luso(fono)descendentes apresentam um “sotaque”, variante de contacto entre as duas línguas. A LP possui marcas fonéticas do francês no que diz respeito aos traços suprasegmentais ou prosódicos. Ao falar português apresentam uma melodia francesa que se sobrepõe à articulação das palavras em português. Os luso(fono)descendentes praticam a alternância códica e possuem, assim, um código misto. Verificámos, ao longo das entrevistas com os luso(fono)descendentes, que falar português torna-se um exercício difícil porque eles revelam pouca flexibilidade. Utilizam processos específicos de comunicação apesar de terem consciência das misturas por falta de familiarização com a sintaxe portuguesa.

As causas de tal variação linguística e do surgimento dessa 'língua mista' relacionam-se, entre outros aspetos, com: i) a diminuição do contacto entre a população dos diferentes sectores da sociedade portuguesa; ii) o contacto com a língua de acolhimento; iii) uma série de vestígios linguísticos familiares (Faneca).

Ora, estes fatores fazem com que os luso(fono)descendentes, inseridos numa família e numa sociedade que não utilizam a mesma língua, utilizem construções linguísticas em desacordo com a norma padronizada e com a gramática normativa, acabando, conseqüentemente, por serem "discriminados".

Assim, as motivações, os valores, os hábitos, as crenças, as tradições e, enfim, tudo o que faz parte da cultura de um povo ou de um grupo social, criam um determinado vínculo com a sua língua de herança (Kezen). Quer isto dizer, portanto, que à diversidade intralinguística corresponde uma diversidade cultural, que devemos enaltecer e aprender a respeitar.

3 - Síntese e perspetivas

Constatamos que estes inquiridos demonstram essencialmente representações afetivas relativamente à LP, sendo considerada, conjuntamente com o Francês, instrumento de construção e afirmação da identidade.

Razões de ordem familiar, geográfica, social e psicológica geraram uma interlíngua de origem materna, originando uma alternância de códigos de tipo situacional (Gumperz; Deprez), situação comum entre locutores bilingues. No geral, os pais e avós falam português e eles respondem em francês, nomeadamente os mais novos, porque a vida lhes oferece poucas ocasiões para falar português. Os luso(fono)descendentes possuem uma competência de comunicação reveladora de maior dificuldade no uso da LP, de variedades sociolinguísticas e de critérios de passagem de um código ou de uma variedade para outra(s) e, revelam pouco saber pragmático, nomeadamente o conhecimento das convenções de enunciação habituais na comunidade portuguesa (Galisson and Coste 106).

Os luso(fono)descendentes de 3ª geração distinguem-se dos da 1ª e da 2ª porque demonstram representações de teor mais positivo da língua e da cultura portuguesas; apresentam uma identidade menos mista, mas utilizam ainda muitas marcas transcódicas e praticam misturas códicas.

Estes luso(fono)descendentes possuem uma competência intercultural favorecida pela proximidade gerida, na esfera individual, entre as duas culturas, beneficiando, assim, da percepção de relatividade. Compreendem muito bem a LP, mas a sua produção oral é limitada. Quando falam em português, oscilam entre a alternância e a mistura de códigos (Cabral) mais por desconhecimento paralinguístico do que linguístico. A maioria possui um capital linguístico pobre porque, apesar da LP ser utilizada no seio familiar, alterna sistematicamente entre dois idiomas copresentes (Mota, 1996) submetidos a adaptações próprias: *um portu-francês* com pouca *performance* a nível da pronúncia e presença de marcas fonéticas de francês, formando uma melodia francesa que se sobre põe à articulação das palavras em português. Como sublinha Mateus “O português cresceu, tomou-se flexível, registou variações e mudanças, enfim, viveu [...]” (15). Nesta sua deriva, o português destes luso(fono)descendentes, enquanto língua de cultura e instrumento de afirmação mundial de diversas sociedades, não podia deixar de apresentar diferenciação. De facto, a diversidade existe e revela-se, fundamentalmente, na existência de variantes e, dentro destas, de muitas variedades linguísticas, no extenso e descontínuo espaço geográfico em que a LP é falada. As divergências, mais ou menos acentuadas, podem ser observadas quer ao nível fonético e lexical, quer ao nível morfológico. Os luso(fono)descendentes vivem integrados numa sociedade com traços culturais diferentes e duas línguas em contacto, o que complica ainda mais o fenómeno. Estes fatores podem condicionar os sistemas de conhecimento e de crenças que vão adquirindo e (re)construindo, traduzindo-se, frequentemente, em usos diferenciados da língua. Ora, cada grupo social e, portanto, os luso(fono)descendentes utilizam códigos linguísticos e comportamentos que os distinguem dos demais e permitem, dentro do(s) grupo(s), a identificação mútua.

A LP é a língua de herança dos luso(fono)descendentes espalhados pelo mundo e é percecionada como instrumento de comunicação social, maleável e diversificada em todos os seus aspetos, meio de expressão de indivíduos que vivem em sociedades também elas diversificadas social, cultural e geograficamente.

As línguas são moldadas por cada indivíduo, formando assim maneiras peculiares de falar. Ou seja, o ser humano modifica a língua conforme a sua realidade e, por isso, ela nunca para no tempo, estando sempre em constante processo de transformação.

Sintetizando, podemos dizer que, à medida que vai sendo utilizada, a LP muda e varia: “Varia ao longo da sua própria história como varia ao longo da vida dos falantes que a utilizam... Varia de região para região... varia em função do contacto com outras línguas, varia em função das pertenças sociais e culturais dos seus falantes, varia em função das próprias situações em que é utilizada” (Faria 33).

Notas

¹ Projeto concluído, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/24144/2005) e desenvolvido no Centro de Investigação “Didática e Tecnologia na Formação de Formadores” (CIDTFF) / Universidade de Aveiro.

² A sigla “EA” significa entrevista do aluno.

Obras Citadas

Almeida, Leandro, and Freire, Teresa. *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Coimbra: APPORT, 1997.

Andrade, Ana Isabel. *Processos de interação verbal em aula de Francês Língua Estrangeira: funções e modalidades de recurso ao Português Língua Materna*. Tese de Doutoramento. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1997.

Arroteia, Jorge Carvalho. *Atlas da Emigração Portuguesa*. Porto: Secretaria de Estado da Emigração/Centro de Estudos, 1985.

---. "Migrações Portuguesas: da expressão de mão-de-obra, às questões de cidadania europeia". *Congresso Educação e Democracia – Representações sociais, práticas educativas e cidadania*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2007. 14-23. CD-ROM.

Barbeiro, Luís Filipe, and Pereira, Luísa Álvares. (2007). *O ensino da escrita. A dimensão textual*. Lisboa: ME-DGIDC.

Blommaert, Jan. *The Sociolinguistics of Globalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

Bardin, Laurence. *Análise de Conteúdo*. (4ª Edição). Lisboa: Edições, 2009.
Bogdan, Robert, and Biklen, Sari. *Investigação Qualitativa em Educação – Uma introdução à teoria e aos métodos*. Coleção Ciências da Educação, Porto: Porto Editora, 1994.

Boyer, Henry. *Plurilinguisme: «Contact» ou «Conflit» de langues?* Paris: L'Harmattan, 1997.

Cabral, Alcinda. *A comunicação intercultural nos imigrantes portugueses em França e seus descendentes*. Santiago de Compostela, Edição da Universidade, tese de doutoramento, 1997.

Calvet, Louis-Jean. *La guerre des langues*. Paris: Hachette, 1987.

Carreira, Helena. “Langue maternelle et langue de pays d’accueil: une étude conduite auprès d’adolescents portugais scolarisés en France”. *Fourth International Conference on Minority Languages*. Holanda: Ljouwert, 1989.

---. “Alternance et mélange de codes (Portugais-Français) chez les adolescents portugais scolarisés en France.” *9^{ème} Congrès Mondial de Linguistique Appliquée*. Thessalonique, Grécia. 1990.

Carreira, Maria. “Seeking Explanatory Adequacy: A dual approach to Understanding the Term “Heritage Language Learner””. *Heritage Language Journal*, 20(1) (2004).

Castellotti, Véronique (dir.) (2001). *D’une langue à d’autres: pratiques et représentations*. Rouen: Publications de l’Université de Rouen, Collection Dyalang, 24.

Cohen, Louis, and Manion, Lawrence. *Research Methods in Education*. 3^a ed. London: Routledge, 1994.

Conim, Custódio, and Carrilho, Maria José. *Situação geográfica e perspectivas de evolução, Portugal 1960-2000*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, 1989.

Cummins, Jim. “Teaching for Cross-Language Transfer in Dual Language Education: Possibilities and Pitfalls.” *TESOL Symposium on Dual Language Education: Teaching and Learning Two Languages in the EFL Setting*. Bogazici University. Istanbul, Turkey. 2005. Web. 23 Sept., 2005.

Dabène, Louise. *Repères sociolinguistiques pour l'enseignement des langues. Les situations Plurilingues*. Paris: Hachette, 1994. 8-21.

Dabène, Louise, and Billiez, Jacqueline. *Le parler des jeunes issus de l'immigration*. Paris: L'Harmattan, 1987.

Deprez, Christine. *Les enfants bilingues: langues et famille*, Paris: Didier, 1994. Web. Ma. 2013.

Doise, Willem, and Palmonari, Augusto. *L'étude des représentations sociales*. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, Collection Textes de Base en Sciences Sociales, 1986.

Faneca, Rosa Maria. *Aprendizagem e representações da língua portuguesa por lusodescendentes*. Universidade de Aveiro. Edição da Universidade. Tese de Doutoramento, 2011. Web. Avr. 2013.

Faneca, Rosa Maria, and Ançã, Maria Helena. "A Língua Portuguesa em contexto francês. O contributo do ensino não-formal na transmissão da língua portuguesa em França". *Educação em Português e Migrações*. Lisboa: Lidel Editores, 2010. 209-249.

Faria Hub, Isabel. "A aquisição da Noção de 'Agente' e a Produção de Sujeitos Sintácticos por crianças Portuguesas até aos Dois Anos e Meio". *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 10 (1993).

Fishman, Joshua. "300-plus years of heritage language education in the United States". *Heritage languages in America: Preserving a national resource*. Washington, DC & McHenry, IL: Center for Applied Linguistics & Delta Systems, 2001. 8-89. Web. Jul. 2013.

Gadet, Françoise, and Varro, Gabrielle. "Le scandale du bilinguisme. Langues en contact et plurilinguismes". *Langue & Société* 116 (2006): 9-28.

Galisson, Robert, and Coste, Daniel. *Dictionnaire de didactique des langues*, Paris: Didier, Hachette, 1976.

Garcia, Ofélia. "Positioning Heritage Languages in the United States". *Hispania*, 89(4) (2005): 601-605.

Gerbeau Claudine. "Des langues vivantes à l'école primaire". *Les repères pédagogiques*. Paris: Nathan Pédagogie, 1996.

Gumperz, John. "Conversational code-switching". *Discourse strategies*. Cambridge University Press, 1982. 59-99.

Institut National de la Statistique et des Études Économiques (INSEE), 2007. Web. Dez. 2010.

Little, David. "The linguistic and educational integration of children and adolescents from migrant backgrounds". Brussels: Council of Europe, 2010. Web. Julho 2012.

Jodelet, Denise. "Les représentations sociales: un domaine en expansion". *Les représentations sociales*. Paris: PUF, 1989.

Mannoni, Pierre. *Les représentations sociales*. Paris: PUF, 1998.

Mateus, Maria Helena Mira. "A mudança da língua no tempo e no espaço". *A língua portuguesa em mudança*. Lisboa: Editorial Caminho, 2005. 13-30.

Matthey, Marinette, org. *Les langues et leurs images*. Neuchâtel: IRDP Éditeur, 1997.

---, ed. *Contacts de langue et représentations* (Vol. 27): Institut de Linguistique – Université de Neuchâtel, 1997. Print.

Melo-Pfeifer, Sílvia, and Schmidt, Alexandra. "Linking 'Heritage Language' Education and Plurilingual Repertoires development: evidences from drawings of Portuguese pupils in Germany". *L1-Educational Studies in Language and Literature*, 12 (2012): 1-30. Web. Jul. 2012.

Moore, Danielle. *Plurilinguisme et école*. Paris: Editions Didier, 2006. Print.

Mota, Maria Antónia. "Línguas em contacto". *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa: Caminho. Coleção Universitária. Série Linguística, 1996. 505-533. Print.

Py, Bernard. "Regards croisés sur les discours du bilingue et de l'apprenant". *Autour du multilinguisme*. LIDIL, 6. Presses Universitaires de Grenoble, 1992. 9-25. Print.

Selinker, Larry. *Interlanguage*. IRAL. Vol.10(3), 1972. 209-214.

Serrão, Joel. *A emigração portuguesa, sondagem histórica* (3ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

Stake, Robert. *A arte de investigação com estudos de caso*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

Volovitch-Tavares, Marie Christine. *Les phases de l'immigration portugaise, des années vingt aux années soixante-dix*. 2001. Web. Jun.2013.

Zorzi, Jaime Luiz. *Aprender a escrever: a apropriação do sistema ortográfico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.